

"Os modos de escapar da doença são múltiplos. O mais importante é deixar que cada um possa ter, por muitos momentos, seu coração distante, sem dar conta aos outros."<sup>1</sup>

Como pensar a subjetividade contemporânea, profundamente, em sua exterioridade, e portanto na constituição daquilo que lhe é mais íntimo, mais próximo? Como sustentar a atualidade de nosso trabalho clínico, permeado em suas múltiplas fronteiras pela vitalidade de forças que se inscrevem muito além / aquém do humano? Essas inquietações levaram-me a dois livros de Chaim Katz, *Temporalidade e Psicanálise* e *O Coração Distante*. Aqui, a expressão desse movimento deixou registrada na resenha que se segue.

Em 1996, Chaim Katz lança pela editora Vozes *Temporalidade e Psicanálise*, um "livro de ensaios", seis textos, autores diferentes, abrindo instigantes caminhos ao pensar os novos paradigmas colocados pelas ciências em relação ao tempo e as suas conseqüências nas teorias e práticas psicanalíticas. Desde logo, as pulsões - suas forças - e o estatuto dos signos tomam relevância.

## Tempo: vazios e subjetivação

Resenha de Chaim Samuel Katz (org.), *Temporalidade e Psicanálise*, Petrópolis, Vozes, 1996, 171 p., e de Chaim Samuel Katz, *O Coração Distante*, Rio de Janeiro, Revan, 1996, 190 p.

No primeiro capítulo, Chaim mostra como a questão do tempo sempre esteve presente em Freud. Desde seus estudos sobre o funcionamento do inconsciente, ao pensar uma certa organização psíquica, postulando um só vetor - o tempo *a posteriori* - que lhe conferisse alguma unidade, até as formulações do conceito de pulsão de morte e compulsão à repetição. "Freud teve que aprender, com sua clínica, que os tempos inconscientes eram múltiplos e longe do equilíbrio" (p. 9).

Em seguida, aponta com Deleuze que, desde Kant, "a questão do tempo não pode ser fundamentada num princípio legiferante unitário." (p. 13), e traz "um Kant menos conhecido entre nós", que fala da existência de uma *desrazão positiva*, *eine positive Unvernunft*, constituída de tempos e espaços específicos" (p. 14).

Por outro lado, evoca Prigogine, o qual mostra que "nos estados próximos do equilíbrio, a desorganização e a inércia são normais; para além do umbral da instabilidade, a norma é a auto-organização, a aparição espontânea de uma atividade diferenciada no tempo e no espaço" (p. 16). Temos assim postuladas a possibilidade de auto-organização do tempo e sua irreversibilidade, posto que se fala de princípios "regionais" diferenciados de aglutinação temporal. E esta, dadas as propriedades do objeto e não do ponto de vista do humano.

O cosmólogo Mário Novello, que assina o último capítulo, nos fala do *quanto*: "um grão fundamental de energia ... cuja presença se manifesta em opostos que se aniquilam, naquele momento, no espaço e no tempo". Do ponto de vista do observador, o que se vê? Vazio. E vazio diverso de nada, ou seja, como "início de todo processo de existir". Diz também que essas flutuações, essa instabilidade, não são regidas por nenhuma lei" (p.155). Esses processos aleatórios são tratados pela metacosmologia, uma ciência dos últimos dez a quinze anos. "Seus objetos são os diferentes universos que não teriam representação espaço/tempo", pois justamente diversos.

Temos assim Kant e Freud dando corpo a princípios não-unívocos, e a ciência contemporânea avançando para pensar incorporais, vazio e tempo, cuja lógica, muito distante daquela da identidade - onde dois termos opostos fazem contradição - é a do paradoxo, onde dois termos produzem sentido; "sentido e fronteira" (Deleuze apud Chaim, p. 33). Assim o vazio subsiste e insiste; longe de nada, é possibilidade de ser.

E a Psicanálise? Como tem pensado esses fatos que fizeram a Filosofia (ou parte dela) e a Física (idem) se desdobrarem?

Ela "é postulada como unitária em dois registros". No lógico, onde o aparelho psíquico comporta desvios e carências. E no ontológico: "numa pretensão lógica metafísica que seria a lei de sua verdade ... daí conceitos inventados para compatibilizar o ser com os pensamentos e os acontecimentos" (p. 20).

Chaim retoma Freud, a Carta 112 e o manuscrito K (p. 21), e aponta a existência de dois tempos, "distintos psíquica e ontologicamente". Diz ele: "Esta memória de que se trata aqui é inconsciente, mas suas leis e organização não dizem respeito a alguma dedução transcendental de uma organização já dada. ... A memória é diferença afirmativa ... O que funda a memória é a repetição, e não a re-produção de um simbólico prévio e originário." E, mais adiante: "o que cria a psicosexualidade é o encontro do pré-sexual e da sexualidade significacional, e isto se faz permanentemente, em momentos diferentes". Aqui, o autor faz a primeira de várias referências à grande contribuição da parte de Ferenczi, que se guiou pelo estatuto dos signos e das pulsões.<sup>2</sup>

Como diferença afirmativa, a memória é presença tem existência, descontinuidades, potencialidades. “É o processo de encontro que é originário.” (p. 27)

É preciso “um homem que tenha memória de futuro” (Nietzsche).

E voltando a Freud, “não aquele da teoria dos signos e o teórico dos tempos múltiplos”, mas agora, “aquele construtor de uma teoria simbólica do psiquismo”, diz: “Freud organizará memória e tempo apenas em torno da figura do pai (e futuramente do “pai morto”, *Totem e tabu*, cujo lugar não pode ser ocupado) e não da mãe, este objeto imediato-sensível, sexualmente sedutor” (p. 28).

E mostra ainda como, na correspondência com Abraham, este lhe chama a atenção para o papel decisivo da mãe, mas Freud resiste em sua posição. Aponta de novo Ferenczi, na inversão que este faz quando diz que “o amor erótico é anterior ao amor objetual” (p. 31).

Ora, se tempo paterno e materno convivem, “isto implicará numa outra teoria das representações e da significação” (p. 32), que leve em conta o tempo sensível, o erotismo, um tempo ativo das sensações.

Chaim lança, lancina - sua gestualidade enfática quer lembrar que não se trata de um mero debate de idéias; estão em jogo diferentes produções de pensamento, de devir - toda uma discussão em torno de algumas correntes de pensamento que privilegiam o simbólico nome do pai<sup>3</sup> enquanto outras privilegiam a imaginação, “deixando para um plano secundário ou inexistente a questão do erotismo sensível” (p. 34).

Freud, diz ele, não investigou a especificidade do tempo pulsional, *como ele fabrica o humano*. E de como este inumano-humano é longe do equilíbrio. E Deleuze, por sua vez, afirma que “seria preciso encontrar a força, no sentido nietzscheano, o poder, no sentido específico da ‘vontade de potência’, para descobrir este lado de fora como limite, horizonte último a partir do qual o ser se desdobra”.<sup>4</sup>

Na Psicanálise, é, por excelência o trabalho com a questão do tempo que desarticula quaisquer possibilidades de uma orquestração uníssona na construção da subjetividade.

Na clínica, é o trabalho não reiterativo a ordens prévias, atento e errante para o abrigo daquilo que muitas vezes se insinua como mínima diferença, e que, na confrontação dos afetos em jogo, abre para outro tempo; tempo-vazio, pleno de possibilidades expressivas.

A morte como negação do tempo, negação de vida; morrer como potência de estranhamento; a instantaneidade e a consciência aguda da pulverização do tempo; o *unheimlich*; a importância do instrumental sônico; o tempo do acaso e da pulsão de morte, e a relação da clínica com eles - eis algumas vertentes percorridas pelos textos subsequentes, e que ficam aqui indicadas como convite à leitura.

Em *O Coração Distante*, lançado no mesmo ano, estas questões se desdobram mais plenas de sentido, matizadas em suas urgências.

Esse tempo necessário, esses tempos que irrompem, como pensá-los, libertá-los, num mundo de velocidades cada vez mais absolutas, onde tantas vezes a extensividade avança sobre a intensividade, “a indisponibilidade de tempo” se faz voz corrente? Numa sociedade que se efetiva no mais das vezes pondo para *fora*, decretando solidão ao que lhe é estranho, é nesse próprio fluxo/contra-fluxo (insistência-resistência) que se darão suas expressões mais vitais.

Os companheiros de viagem são os mesmos : Foucault, Kant, Spinoza, Nietzsche, Freud e Deleuze, entre outros.

O autor faz assim todo um percurso desde a Antigüidade, marcando como o campo, ou melhor, o *tempo* do sensível, do erótico, foi sendo posto do lado de fora da *polis*, em nome da boa convivência de todos e instituições cada vez mais hegemônicas e legiferantes.<sup>5</sup>

Platão, para escapar do caos originário, procura ordenar tudo o que se manifesta como dispersão. Mundo das idéias, mundo dos corpos, mundo dos eleitos - porque viram - e então podem *revelar*. Dos corpos belos à Beleza como ideal, universal, está decretada a morte do corpo. Qualquer diferença com este mundo de idéias é vista como falta, como carência.

Santo Agostinho, “importante marco no pensamento que recusa a solidão”, foi o principal codificador da doutrina da Igreja católica, unindo fé à Filosofia dominante. No mundo das idéias, agora, Deus. O Mal existe para os que não estão com Deus, a carência é falta de ser, e o caminho para ser é a cidade de Deus, onde o espaço privado deverá ser simétrico ao público” (p. 68). Toda vazão às ordens disciplinares. “Há com Santo Agostinho uma espécie de conversão à auto-consciência, onde só se pode saber e ser através do controle da vontade e dos desejos da corporalidade” (p. 80). “Solidão e sensualidade estarão sempre retornando ao cristianismo, principal pensamento-prática formador de subjetividades no Ocidente. Como se sabe, entre os viventes, os sentidos são inapagáveis. A vida se autocria e recria insistentemente, é afetar/ser afetado, clama por auto-expressão e por encontros sensíveis.” (p. 90)

Chaim conta de grupos dissidentes no cristianismo que de alguma forma procuraram ter, no plano do sensível (práticas de jejum, isolamento eremítico, votos de pobreza e de castidade), um contato mais direto com Deus, fora das ordens canônicas. Na mesma linha, chama atenção, hoje, para as igrejas evangélicas emergentes.

Por outro lado, fora da produção unitária do reino de Deus, os judeus, tendo sua cidade destruída, passam a habitar o deserto. Fora da cidade, "tratar-se-á de romper a unidade de ser acolhendo o outro e a diferença da origem do sentido ... A busca permanente da afirmação divina, dos modos de dizer seus vários nomes, faz a ausência dos homens simétrica à divina. Sua solidão é afirmativa da criação do homem e parte de seu estar com Deus" (p. 97).

Em seguida, Santa Teresa de Ávila, também expressão de solidão positivada. "No modo do êxtase, ela experimenta a presença sensível de Deus ... suas meditações são uma *dilatação do tempo sensível*. Ela escapa do hipertexto cêntrico e tenta criar um texto marginal próprio ... nas margens do tempo e do desejo individuais ... - curas pulsionais, onde a insistência encontra a diferença" (p.105).

A solidão como conquista e como constituinte do humano.

Na contemporaneidade, o Estado, suas leis, direitos e deveres, os meios de comunicação de massa numa "sociedade de espetáculos" (p. 130) onde o que existe é o que está sob a luz dos holofotes (*que memória se produz?*), a solidão continua a aparecer como fator desagregador. "Os solitários não produzem ideologias regulares ... a solidão como positividade não circula nem se troca" (p. 113).

"Há uma linguagem e um pensamento que não aceitam sua inscrição normativa."<sup>6</sup> Se para Freud, no início, o superego é "a lei introjetada à qual o indivíduo deveria obediência inconsciente", ele também enunciaria que "o homem é desde sempre e, para sempre, um animal solitário e desamparado, pois nasce em desamparo".

A Psicanálise procura dar conta da solidão negatizando-a ou positivando-a. Em Melanie Klein, "o humano está votado à solidão enquanto sofrimento pela predominância da agressividade". Já Winnicott "firma a *capacidade de estar só* enquanto conquista de autarcia"<sup>7</sup> Ferenczi diz: "Na clínica, há que suportar a solidão" (p. 118).

E o próprio autor articula: "A solidão é constituída pulsionalmente ... na expressão que se faz do somático ao psicossocial ... Se o pensamento só vem bem depois das experiências de afetar e ser afetado, se isso é o nó de emergência de seus traumatismos infantis, de sua sensação repetitiva que vai ter um corpo que vai ser destruído, *o homem produz autonomamente num registro*

*não-subjetivo para ser*. Longe do equilíbrio, uma outra ordem se estabelece; para além da turbulência, do terror mesmo, surgem expressões bastante singulares que insistem em busca de sentido."

Entre outras considerações, o autor faz críticas contundentes à lei Paulo Delgado, e defende asilos para velhos. O social não poderia dar conta desses outros universos que, para se afirmarem em seus tempos próprios e necessários, precisam de territórios minimamente demarcados, "lugares descentes e de direito existencial para o exercício da solidão" (p. 136), encontros originários e suas mais diversas expressões. Aquele, não faria mais do que sua reificação na razão da produção/não produção.

Multiplicam-se as cenas de convívio social, onde Chaim evidencia a captura do imponderável pelo instituído. Nesse embate, a escuta aguça-se e o silêncio desdobra-se.

Finalmente, o livro começa pelo relato de um caso clínico pleno de acontecimentos.

Tanto nele quanto em *Temporalidade e Psicanálise*, há muito mais; que cada um faça a sua leitura e encontre os seus começos.

## NOTAS

1. *O Coração Distante*, p.182.
2. Friso aqui uma nota do próprio autor remetendo a Renato Mezan, "Do auto-erotismo ao objeto: a simbolização segundo Ferenczi", *Percurso* nº 10, 1993.
3. Ao longo dos dois textos resenhados, são inúmeras e fundamentais as críticas feitas à psicanálise lacaniana. Não as explicitarei, mas creio lhes fazer jus, pois de alguma forma daqui se depreendem. Com relação a elas, é interessante retomar também as considerações de Miriam Chnaiderman, in *Percurso* nº 8, 1992, p.37.
4. Deleuze, *Foucault*, São Paulo, Brasiliense, 1988, p. 121.
5. "Segundo Hesíodo, Eros, o mais belo dos deuses imortais, dilacera os membros e transtorna os juízos dos deuses e dos homens. (...) Na obra de Platão, aquele deus de forças tão arrebatadoras passa a ser de categoria inferior, um intermediário entre os deuses e os homens. (...) Genealogia menos nobre lhe foi atribuída; passou a ser filho de Expediente e Pobreza, tonando-se assim a carência sempre em busca de sua plenitude." (Junito de Souza Brandão, *Mitologia Grega*, vol. I, Petrópolis, Vozes, 1986, p. 187)
6. Nietzsche, apud Deleuze, op. cit.
7. Remeto aqui ao belíssimo texto de Rogério Luz, "O espaço potencial: Winnicott", *Percurso* nº 3, 1989. Destaco os seguintes trechos: "Para descrever satisfatoriamente a experiência global da criança, é preciso que se leve em consideração simultaneamente esses aspectos mutuamente excluídos." (p. 27); "Distância, pois, mas distância percorrida; *vazio necessário*, imediatamente preenchido, não por representações substitutivas, mas pelo gesto, erótico e agressivo, que se exerce sobre a materialidade do mundo" (p. 30).

**Maria de Lourdes Caleiro Costa** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.